



O uso dos pronomes nós e a gente no português falado em Mazagão Velho-AP

Nalanda Gomes de Castro¹
Romário Duarte Sanches²

Resumo

Este artigo tem como objetivo investigar o uso dos pronomes pessoais nós e a gente no português falado na comunidade de Mazagão Velho - AP. A pesquisa está ancorada na Sociolinguística Laboviana (LABOV, 2008) e nos estudos sobre variação morfossintática no português brasileiro (OMENA, 1996; LOPES, 1998; RUBIO, 2011; SILVA; CAMACHO, 2017; SCHERRE; YACOVENCO; NARO, 2018; SILVA; NAMIUTI, 2019; CARVALHO; FREITAS; FAVACHO, 2020). Como procedimento metodológico, coletamos in loco 12 narrativas orais do português falado na comunidade de Mazagão Velho - AP. Estes dados foram controlados considerando fatores extralinguísticos (sexo e faixa etária) e linguísticos (concordância verbal, sujeito explícito, tempo e modo verbal). Assim, obtivemos o total de 379 ocorrências, sendo 44 (11,6%) do pronome nós e 335 (88,4%) de a gente. Em relação aos fatores externos à língua, a faixa etária se mostrou um condicionador com relação a fala dos mais novos que tendem a preferir o uso da variante inovadora a gente. Constatamos também que em relação aos fatores internos à língua tanto o pronome a gente quanto o pronome nós foram condicionados a partir de verbos no presente e pretérito do indicativo.

Palavras-chave:

Sociolinguística Quantitativa; Variação Morfossintática; Mazagão Velho

Sobre os autores

¹ Graduanda em Licenciatura em Letras pela Universidade do Estado do Amapá.

Email: nalandacastroueap@gmail.com | **ORCID:** <https://orcid.org/0009-0009-7685-4903>

² Doutor em Letras – Linguística pela Universidade do Estado do Amapá.

Email: romario.sanches@ueap.edu.br | **ORCID:** <https://orcid.org/0000-0002-0571-303X>

INTRODUÇÃO

O fenômeno da concordância verbal tem sido focalizado pela tradição gramatical de forma estigmatizada quando o processo de concordância não ocorre de forma satisfatória na produção linguística falada ou escrita. Vieira (2009) destaca que para um melhor conhecimento deste fenômeno morfossintático faz-se necessário entender os fatores que influenciam o uso da regra de concordância verbal. Neste sentido, é no campo da Sociolinguística que muitos estudos têm se desenvolvido de forma sistemática com o intuito de investigar os aspectos favorecedores da marcação ou não marcação de determinada variável linguística, seja no âmbito fonético-fonológico ou morfossintático.

No que tange à variação morfossintática, processo intrínseco às línguas naturais, esta pode ser compreendida a partir de dois pontos de vista: sob a perspectiva da gramática normativa (GN) e sob a perspectiva da Sociolinguística. Do ponto de vista tradicional, Vieira (2009) afirma que a marcação de concordância verbal (CV) ocorre de acordo com número e pessoa do sujeito, porém há exceções (como expressões partitivas, pronomes relativos *que* e *quem*; os pronomes interrogativos; orações com verbo mais predicativo) em que a regra permite ao verbo a concordância com outros termos da oração que não seja o sujeito, privilegiando aspectos sintáticos, morfológicos ou semânticos. Já do ponto de vista Sociolinguístico, a autora explica que a concordância pode ser marcada ou não pelo falante em decorrência de diversos fatores de natureza linguística ou extralinguística, levando em consideração que na GN tudo que foge da regra, isto é, a não marcação da concordância entre número/pessoa e verbo/sujeito é vista pela sociedade de forma estigmatizada, gerando preconceito linguístico.

Deste modo, para as gramáticas normativas a classe de palavra classificada como *pronome* é compreendida como “a palavra que denota o ente ou a ele se refere, considerando-o apenas como pessoa do discurso” (LIMA, 2011, p. 156). Assim, entende-se pessoa do discurso como o indivíduo que fala, a quem se fala ou a coisa a quem se refere. Na classificação gramatical, os pronomes podem ser de ordem pessoal, demonstrativo, relativo, possessivo, indefinido e interrogativo.

Com isso, a forma *a gente*, segundo Neves (2000), é utilizada como pronome de primeira pessoa do plural (1PP) apenas no que se refere a forma coloquial. Já Bechara (2009) posiciona-se sobre o uso de *a gente* dizendo que o substantivo *gente*, quando precedido do artigo *a*, e fazendo referência a um grupo de pessoas em que se inclui a fala ou quando está sozinha, torna-se pronome e se emprega fora da linguagem cerimoniosa, fazendo a concordância de ambos na terceira pessoa do singular. Já a forma *a gente*, apesar de ser um pronome de 1PP, tem sua concordância verbal favorecida por verbos da terceira pessoal do Singular (3PS),

como no verbo ter [tinha], no exemplo a seguir: *a gente tinha* aula de música.

No Brasil, os estudos sobre o uso das formas *nós* e *a gente* têm se destacado na década de 1990, com a pesquisa de Omena (1996), sendo este o primeiro trabalho publicado sobre o referido fenômeno. Outros trabalhos evidenciados na literatura são as pesquisas de Lopes (1998), Rubio (2011), Silva e Camacho (2017), Scherre, Yacovenco e Naro (2018), Carvalho, Freitas e Favacho (2020) e entre outros que buscaram estudar o fenômeno morfossintático *nós* e *a gente* no PB.

Diante do acervo de pesquisas sobre o uso das formas *nós* e *a gente*, identificamos a ausência de trabalhos sobre este fenômeno na região Norte do Brasil, sobretudo no estado do Amapá, como ratifica Sanches (2021). Assim, este trabalho torna-se pioneiro e inédito por trazer dados sobre o aspecto morfossintático do falar de Mazagão Velho, além de contribuir para o acervo de pesquisas linguística no Amapá.

Este artigo está dividido em cinco seções. Na primeira está a introdução; na segunda destacamos a teoria da Sociolinguística; na terceira sintetizamos alguns estudos já realizados sobre os pronomes *nós* e *a gente* no PB; na quarta discorreremos sobre os procedimentos metodológicos da pesquisa e, por fim, discutimos os resultados encontrados.

A SOCIOLINGUÍSTICA

A Sociolinguística é uma subárea da linguística que investiga a relação entre língua e sociedade, focalizando a variação e a mudança linguística presentes na fala de diferentes grupos socioculturais. Mollica (2012) afirma que se todos os grupos fossem idênticos, não haveria espaço para Sociolinguística no fazer científico, uma vez que o foco não é o aspecto homogêneo da língua, mas sim o aspecto heterogêneo inerente a todas as línguas naturais.

A Sociolinguística atua em um campo muito amplo, com diferentes métodos e abordagens. Mas, para este trabalho, destacaremos a Sociolinguística variacionista ou laboviana que tem como principal foco estudar a variação e a mudança linguística, considerando a estrutura e a evolução da língua como sistema heterogêneo e ordenado dentro da comunidade de fala (LABOV, 2008).

Vale destacar neste estudo, alguns conceitos da área da Sociolinguística, como o de variedade, variação, variável, condicionadores linguísticos, condicionadores extralinguísticos. O termo *variedade* indica características de fala de um grupo de falantes, por exemplo, se um grupo de falantes da região Norte do Brasil viajar para o Rio Grande do Sul, notará diferenças na fala de indivíduos sulistas, ou seja, poderá inferir que naquela região há variedade de fala específica, como a gaúcha. No que tange ao termo *variação* é a alternância de formas linguísticas que sendo substituídas uma pela outra permanecem com o mesmo sentido, um exemplo de variação são as formas pronominais *nós* e *a gente*, que se

trocadas uma pela outra, não trará prejuízos, pois o sentido permanece intacto. Temos também o conceito de *variável* que é o lugar do fenômeno estudado na gramática, por exemplo, neste trabalho a variável investigada é a expressão pronominal de 1PP.

Coelho (2015) afirma que há forças dentro e fora da língua que acabam influenciando a produção linguística de determinados grupos sociais, a isso damos o nome de *condicionadores* que são fatores que podem influenciar os usos linguísticos. Estes podem ser internos ou externos a língua: os *condicionadores linguísticos* e os *condicionadores extralinguísticos*. No primeiro caso temos a variação interna a língua, ou seja, os condicionadores linguísticos, como a variação lexical, fonológica, morfológica, morfossintática, sintática ou discursiva, já no segundo caso, temos a variação externa a língua, isto é, a variação regional, estilística, faixa etária, nível de escolaridade, sexo/gênero e profissão.

ESTUDOS SOBRE NÓS E A GENTE NO PB

De acordo com o levantamento bibliográfico disponível sobre variação morfossintática, destacaremos a seguir as pesquisas de Omena (1996), Lopes (1998), Rubio (2011), Silva e Camacho (2017), Scherre, Yacovenco e Naro (2018), Silva e Namiuti (2019) e Freitas e Favacho (2020). Estes estudos foram selecionados, a princípio, por apresentarem em suas análises quantitativas um conjunto de fatores linguísticos e extralinguísticos que condicionam a variação das formas pronominais *nós* e *a gente* no PB, conforme mostra o Quadro 1.

Quadro 1 – Síntese de estudos sobre variação dos pronomes *nós* e *a gente*

Autor/ano	Local pesquisado	Fatores linguísticos condicionadores	Fatores extralinguísticos condicionadores
Omena (1996)	Rio de Janeiro	Tempo e modo verbal	Idade e escolaridade
Lopes (1998)	Rio de Janeiro, Porto Alegre e Salvador	Tempo e modo verbal	Escolaridade e sexo
Rubio (2011)	São Paulo	Saliência fônica, grau de indeterminação do sujeito e tempo e modo verbal	Idade
Silva e Camacho (2017)	Rio Branco/AC	Tempo e modo verbal	Idade

Scherre, Yacovenco e Naro (2018)	Baixada Cuiabana/MG e Vitória/ES	Tempo e modo verbal	Geográfico
Silva e Namiuti (2019)	Feira de Santana/BA	Tempo e modo verbal	Escolaridade
Carvalho, Freitas e Favacho (2020)	Fortaleza/CE	Tempo e paradigma verbal no modo indicativo	Escolaridade idade

Fonte: Elaborado pelos autores

No que diz respeito às pesquisas feitas no Brasil, Omena (1996) foi pioneira ao tratar do fenômeno *nós* e *a gente* no português falado no Rio de Janeiro. Sua pesquisa analisa a fala de 48 informantes cariocas de baixa escolaridade, buscando verificar o uso das variantes *nós* e *a gente* em posição de sujeito. A autora percebeu que a forma padrão está em substituição pela forma *a gente* e que a forma *nós* tende a ser favorecida no pretérito perfeito enquanto a forma *a gente* é utilizada no pretérito imperfeito, ambas quando associadas ao grau de saliência fônica na oposição de singular/plural. Desta forma, a autora considerou em sua análise três variáveis sociais (idade, sexo e escolaridade) e o no que tange os condicionares internos a língua, ela utilizou tempo e modo verbal. Assim, ela notou que o fator idade influenciou a escolha da forma *a gente*, sendo usada preferencialmente por informantes mais jovens.

A pesquisa de Lopes (1998) trata dos pronomes *nós* e *a gente* no português falado nas cidades do Rio de Janeiro, Salvador e Porto Alegre. A autora chegou à conclusão de que os falantes com baixa escolaridade e com nível superior tendem a usar pronomes pessoais diferentes, condicionadas pelo contexto comunicativo menos formal e mais formal. No primeiro caso, os falantes utilizam mais a forma *a gente*, enquanto no segundo caso, usa mais a forma *nós*. A autora percebeu também que as mulheres tendem a utilizar mais a forma *a gente* do que os homens e que a forma *nós* é favorecida pelo tempo verbal pretérito perfeito.

Rubio (2011) também realizou pesquisas sobre o uso das formas pronominais de 1PP na fala de indivíduos da região noroeste de São Paulo. O autor constatou que o uso da forma *a gente* ocorre com maior aplicação na 3PS (94,2%), enquanto a forma *nós* tem maior tendência à variação na concordância verbal de 1PP (79,5%). Notou-se que a forma *a gente* é mais utilizada pelos falantes mais jovens e a utilizam mais na CV da 3PS em detrimento das formas de 1PP. No fator escolaridade, os falantes de menor escolaridade (Ensino Fundamental I e II) tendem a evitar o uso de formas verbais da 1PP, já os informantes de maior

escolaridade (Ensino Médio e Superior) usam as formas de 1PP. Em relação à variável gênero, o autor percebeu que as mulheres utilizam mais a forma *a gente* (76,5%) em comparação aos homens que tendem preferir a forma conservadora *nós* (28%). Assim, ele chega à conclusão que o uso dos pronomes *nós* e *a gente* são influenciados por alguns condicionadores extralinguísticos (escolaridade, gênero e faixa etária) e linguísticos (saliência fônica, grau de indeterminação do sujeito e tempo e modo verbal).

O estudo de Scherre, Yacovenco e Naro (2018) foi realizado na Baixada Cuiabana, localizada no estado do Mato Grosso e comparados aos dados do município de Vitória do Espírito Santo, onde o fluxo de concordância verbal ocorreu com maior frequência na área urbana. Os autores mostram que a variação linguística é ordenada e que há conflitos sociolinguísticos associados a concordância verbal da variável *nós* atrelada ao morfema plural -mos (*nós moramos / nós morávamos*). A concordância de plural, na Baixada Cuiabana, foi de 26% de concordância de *nós* com a marcação do morfema -mos e de 28,7% sem a marcação do morfema de plural -mos (*nós moraØ / nós morouØ / nós moravaØ*); já em Vitória foi de 26,5% de concordância de plural com a forma *nós* e 3,8% de não concordância com a mesma variante. Sob o uso da forma *a gente* sem a marcação de plural -mos (*a gente mora / a gente morou / a gente morava*), na Baixada Cuiabana, obteve 45,3% de concordância no singular, enquanto Vitória apresentou 69,7%. Assim o morfema -mos é preferencialmente adotado pelo pretérito perfeito (80% nas duas localidades). Outro ponto é a marca da presença de *a gente* sem -mos, no pretérito imperfeito e no presente. Por fim, os autores perceberam, com base no estudo de Zilles (2005), que quando o falante tem dúvida de como formar a concordância verbal com o pronome *nós*, ele prefere utilizar o pronome inovador *a gente*.

Silva e Camacho (2017), realizaram um estudo sobre os pronomes *nós* e *a gente* falados na cidade de Rio Branco-AC. Os autores constataram que o pronome *a gente* já está instalado na gramática da comunidade rio-branquense, mas ainda permanece em concorrência com a forma conservadora *nós*. Na análise feita pelos autores, a faixa etária foi o fator em que a forma *a gente* se destacou nos quatro grupos controlados (10 a 12 anos; 15 a 21 anos; 32 a 51 e 61 a 73 anos de idade). Eles notaram também que há outro fator linguístico importante, isto é, a concordância verbal com elementos da terceira pessoa do singular que tende a favorecer o uso da forma *a gente*.

O estudo de Silva e Namiuti (2019) tem como foco a variação do pronome *nós* e *a gente* no português brasileiro (PB). Os dados utilizados são amostras da fala popular da região de Feira de Santana - BA, correspondente a comunidade de Paraguaçu e da fala popular da região de Vitória da Conquista. O uso dos pronomes acontece preferencialmente junto a verbos de terceira pessoa do singular e o fator linguístico que favoreceu tal uso foi o modo verbal do presente do indicativo e do pretérito do indicativo. Vale salientar que no PB o paradigma

de tempo é forte, já a concordância verbal é fraca, principalmente no que tange aos falantes de escolaridade baixa.

Por fim, temos a pesquisa de Carvalho, Freitas e Favacho (2020) que analisou os pronomes *nós* e *a gente* na fala culta de Fortaleza/CE. As autoras investigaram os paradigmas verbais de menor saliência fônica, isto é, as formas do pretérito imperfeito do indicativo (*a gente* sem -mos e *nós* com -mos), do subjuntivo (*a gente* sem -mos e *nós* com -mos). Assim, a presença do *a gente* ocorreu com 62% de frequência de marcação de concordância na 3PS, em comparação com a forma conservadora *nós* que ocorreu com 37,8% de frequência de marcação de concordância na 1PP. Segundo as autoras, a variante *a gente* é utilizada com bastante frequência na fala dos mais jovens, sobretudo quando se trata de referência genérica, isto é, sem identificação do referente, podendo acontecer sem a marcação *do morfema* -mos (64,5%), mantendo assim os traços semânticos de sua forma original de nome substantivo.

METODOLOGIA DA PESQUISA

Como já apresentado na primeira seção deste artigo, a pesquisa está inserida no campo da Sociolinguística Variacionista, cujo principal instrumento de pesquisa foi a coleta de narrativas, através da pesquisa empírica, buscando analisar os pronomes *nós* e *a gente* em posição de sujeito na fala espontânea da comunidade de Mazagão Velho-AP. Assim, aplicamos os critérios da metodologia Sociolinguística controlando fatores sociais e linguísticos.

Ressalta-se que as narrativas coletadas para esta pesquisa fazem parte do banco de dados do *Projeto Variedades linguísticas faladas no Amapá*¹, vinculado ao Grupo de Pesquisa Linguagem, Língua e Sociedade – LINLIS, da Universidade do Estado do Amapá - UEAP. O *lócus* da pesquisa foi a comunidade de Mazagão Velho-AP, localizada no município de Mazagão, ao sul do estado do Amapá, a 65,0 km da capital Macapá.

A população de Mazagão Velho, segundo o IBGE (2021), está estimada em 22.468 habitantes. O local é considerado uma cidade histórica de acordo com o IPHAN, por ter sido formada no século XVIII a partir da transposição de uma cidade do Marrocos (Mazagão), no continente africano, para a Amazônia brasileira. Conforme Oliveira (2015), do ponto de vista etnolinguístico, a comunidade é considerada o centro da cultura amapaense por preservar as festas tradicionais, além de práticas sociais e culturais de matrizes afro-indígenas. No que tange às festas de Mazagão Velho, a principal delas é a *Festa de São Tiago*² que

¹Projeto de Pesquisa registrado na Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação - PROPESP, da Universidade do Estado do Amapá - UEAP, sob número 026/2022.

²A festa de São Tiago é uma tradição trazida da África pelas famílias de colonos portugueses quando chegaram as terras tucujus, em decorrência dos constantes conflitos políticos-religiosos entre

acontece no mês de julho.

Sobre a coleta de dados, fizemos uso de aparelhos eletrônicos celulares e aplicação de um roteiro de entrevista semiestruturado, com perguntas relacionadas à história de vida e sobre as festividades da comunidade e suas tradições culturais.

Ao todo foram coletadas 12 narrativas em português, conforme as seguintes células no Quadro 2:

Quadro 2 – Células sociolinguísticas controladas

Sexo	Idade	Quantidade
Homens	Grupo A (18-30 anos)	3
Homens	Grupo B (50-75 anos)	3
Mulheres	Grupo A (18-30 anos)	3
Mulheres	Grupo B (50-75 anos)	3
Total		12

Fonte: Elaborado pelos autores

Entrevistamos 6 homens e 6 mulheres, subdivididos em dois grupos etários: Grupo A (18 a 30 anos) e Grupo B (50-75 anos). Assim, os informantes da pesquisa foram agrupados em: Grupo A, com 3 mulheres de 18 – 30 anos e 3 homens de 18 – 30 anos; Grupo B, com 3 mulheres de 50 – 75 anos e 3 homens de 50 – 75 anos. Ressaltamos que não foi possível controlar o fator escolaridade, pois não conseguimos entrevistar pessoas nascidas na comunidade e com nível de Ensino Superior, tampouco pessoas sem escolaridade. Em geral, nossos entrevistados possuem grau de escolaridade entre Ensino Fundamental e Ensino Médio.

A partir disso, foram considerados para análise Sociolinguística os condicionadores extralinguísticos e linguísticos. No primeiro caso, controlamos os fatores de natureza social (sexo e faixa etária). Já no segundo caso, controlamos fatores como tempo e modo verbal (os tempos verbais indicam o momento da ação do verbo, dentro do modo em que ele ocorre), concordância verbal (trata das alterações do verbo, para que ele concorde – no geral o verbo concorda com o sujeito) e sujeito explícito (trata-se daquele que pode ser identificado por estar visível ou através da concordância verbal).

Após a coleta das narrativas, organizamos as transcrições dos dados orais e a triagem de sentenças em que havia o uso dos pronomes *nós* e *a gente*, para que então pudessemos realizar a análise quantitativa dos dados. Com isso, para utilizarmos o programa GoldVarb-X³, criamos uma chave de codificação, como

portugueses (cristãos) e muçulmanos (mourros), assim a festa retrata toda essa história, para que de alguma forma seja sempre lembrado.

³ Trata-se de um programa estatístico computacional, que foi desenvolvido por Sankoff, Tagliamonte e Smith (2005), é uma das ferramentas mais utilizadas no estudo da sociolinguística quantitativa, em termos metodológicos.

veremos no Quadro 3:

Quadro 3 - Chave de codificação

Variável dependente	Grupos analisados	Código
Pronome de 1PP	A gente	A
	Nós	N
Variáveis extralinguísticas		
Sexo	Masculino	M
	Feminino	F
Idade	Faixa etária (18 a 30 anos)	1
	Faixa etária (50 a 75 anos)	2
Variáveis linguísticas		
Sujeito explícito	Com marcação de concordância	C
	Sem marcação de concordância	S
Tempo e modo verbal	Presente do indicativo	A
	Pretérito imperfeito do indicativo	B
	Pretérito perfeito do indicativo	C
	Futuro do pretérito do indicativo	D
	Presente do subjuntivo	E
	Futuro do subjuntivo	F

Fonte: Elaborado pelos autores.

Conforme podemos observar no Quadro 3, os fatores extralinguísticos e linguísticos foram representados por uma condição de números e letras. Para identificação da variável dependente, os pronomes de 1PP, utilizamos o código A para indicar o pronome *a gente* e N para indicar o pronome *nós*. Para identificação das variáveis sexo e idade, usamos o código M para masculino e F para feminino, o número 1 para indicar faixa etária entre 18-30 anos e número 2 para indicar faixa etária entre 50-75 anos. Já para a variável sujeito explícito, selecionamos o código C para indicar o sujeito explícito com marcação de concordância e S para indicar o sujeito explícito sem marcação de concordância. Por fim, para indicar o tempo e modo verbal, utilizamos a para representar sentenças no presente do indicativo; b para pretérito imperfeito do indicativo; c para pretérito perfeito do indicativo; d para futuro do pretérito do indicativo; e presente do subjuntivo e f para futuro do subjuntivo.

Após a codificação, realizamos 2 rodadas no GoldVarb X. Na primeira rodada analisamos todos os grupos de fatores e constatamos nocaute⁴ no grupo 3, isto é,

⁴ Nocaute ou KnockOut é um problema analítico no programa GoldVarb-X, uma vez que os resultados de uma variável têm resultado igual a 100% ou 0%.

na marcação e não marcação da concordância. Por exemplo, na forma *nós*, obtivemos o resultado de 100% de 20 ocorrências em relação a não marcação de concordância verbal, enquanto com a forma *a gente* obtivemos o resultado de 0%, pois não tivemos ocorrências da variante *a gente* sem a marcação de concordância. No que se refere ao grupo 4, ou seja, no tempo e modo verbal, o futuro do subjuntivo (representado pela letra *f*) obtivemos nocaute com a forma *a gente*, pois apresentou 100% de 2 ocorrências e com a forma *nós* não obtivemos nenhuma ocorrência, sendo 0%. Já na segunda rodada, tivemos nocaute novamente no grupo 3 nas mesmas condições que na primeira rodada, porém resolvemos amalgamar, juntando o código *a* (presente do indicativo) com o código *e* (presente do subjuntivo) e juntamos código *d* (futuro do pretérito do indicativo) com o código *f* (futuro do subjuntivo). Os resultados apresentados nas tabelas 1, 2, 3 e 4 (na seção seguinte) correspondem a 1ª rodada, enquanto a tabela 5 apresenta o resultado da amalgamação feito na 2ª rodada.

ANÁLISE DOS RESULTADOS

Apresentamos nesta seção os resultados da análise quantitativa. Em geral, tivemos 44 (11,6%) ocorrências para o pronome *nós* e 335 (88,4%) para a forma *a gente*, totalizando 379 ocorrências. Veremos a seguir os dados conforme os fatores de natureza extralinguística: faixa etária e sexo.

Tabela 1 – Fator faixa etária (1ª rodada)

Faixa etária	<i>nós</i>		<i>a gente</i>	
	%	nº de ocorr.	%	nº de ocorr.
Grupo A: 18 – 30 anos	7,8%	23	92,2%	271
Grupo B: 50 – 75 anos	24,7%	21	75,3%	64

Fonte: Elaborada pelos autores

Podemos observar na Tabela 1 que o Grupo A apresentou 23 (7,8%) ocorrências do pronome *nós* e o Grupo B 21 (24,7%) ocorrências na fala dos mazaganenses. Já a variante *a gente*, notamos que o Grupo A obteve 271 (92,2%) ocorrências e o grupo B 64 (75,3%). Segue abaixo dados da pesquisa, que mostram sentenças com marcação de uso dos pronomes na fala do Grupo A e Grupo B

AF1Cb: ***A gente*** também **vivia** correndo pra lá e pra cá. (Inf. do grupo A)

NM1Ca: ***Nós somos*** muito diferentes em questão de personalidade, sabe?! (Inf. do grupo A)

AM2Ca: **A gente vai** crescendo e vai observando as coisas, né. (Inf. do grupo B)

NM2Ca: **Nós precisamos** manter isso, né. (Inf. do grupo B)

Conforme notamos na Tabela 1, a variante inovadora *a gente* é usada com bastante frequência pelos mais jovens, com 92,2%. Em contrapartida a forma conservadora *nós* apresentou 24,7% na fala dos informantes mais velhos. Isso retifica os dados encontrados por Omena (1996) e Carvalho, Freitas e Favacho (2020) que constataram em suas pesquisas que a forma estigmatizada *a gente* é preferível pelos informantes mais jovens e que os mais velhos tendem a usar a forma *nós*. Assim, notamos que o fator idade está condicionando o uso da forma *a gente* em Mazagão Velho/AP.

Tabela 2 – Fator sexo (1ª rodada)

Sexo	<i>nós</i>		<i>a gente</i>	
	%	nº de ocorr.	%	nº de ocorr.
Feminino	12,6%	24	87,4 %	167
Masculino	10,6%	20	89,4%	168

Fonte: Elaborado pelos autores

Sobre a variável sexo, a Tabela 2 mostra que na fala de informantes do sexo feminino o pronome *nós* obteve 24 (12,6%) ocorrências e na fala de informantes do sexo masculino tivemos 20 (10,6%). Já em relação ao uso do pronome *a gente*, houve 167 (87,4%) ocorrências do pronome na fala das mulheres e 168 (89,4%) na fala dos homens.

NF1Ca: **nós somos** oito comigo, né... (Inf. feminino)

AF1Cb: **a gente estudava** na mesma sala (Inf. feminino)

NM2Ca: **nós precisamos** manter isso né (Inf. masculino)

AM1Ca: **a gente se comunica** e sempre vai o bonde (Inf. masculino)

Quanto ao sexo, Lopes (1998) ressalta que a predominância de *a gente* entre o sexo feminino é maior em relação ao sexo masculino. No entanto, em nossos dados, o fator sexo parece não condicionar o uso dos pronomes investigados.

Em relação aos fatores linguísticos, vamos apresentar a seguir a análise considerando o sujeito explícito com concordância e sem concordância verbal, além do tempo/modo verbal.

Tabela 3 - Fator sujeito explícito com ou sem concordância verbal (1ª rodada)

Grupo	<i>nós</i>		<i>a gente</i>	
	%	nº de ocorr.	%	nº de ocorr.
Com concordância verbal	6,7%	24	93,3%	335
Sem concordância verbal	100%	20	0,0%	0

Fonte: Elaborado pelos autores.

Conforme a Tabela 3, a marcação de concordância verbal com sujeito explícito *nós* apareceu com 24 (6,7%) ocorrências e 20 (100%) sem marcação de concordância verbal. No caso do pronome *a gente*, tivemos 335 (93,3%) ocorrências de sentenças com marcação de concordância verbal e 0% de sentenças sem concordância verbal. Assim, constatamos que a variante *a gente* com concordância verbal é predominante na fala de Mazagão Velho. Vejamos alguns exemplos a seguir:

AF1Cc: ah **a gente** se **conheceu** em passeio, né (Com concordância verbal)

NF1Cc: **nós tivemos** uma boa educação (Com concordância verbal)

NF1Sb: e **nós brigava** muito (Sem concordância verbal)

Dessa forma fica evidente que a variante estigmatizada *a gente* pode estar sendo condicionada pela marcação de concordância verbal com sujeito explícito, já que a mesma variante não apresentou em nossa amostra nenhuma ocorrência sem marcação de concordância. Vale destacar que são dados que precisam ser ampliados para confirmar se a concordância verbal está influenciando tal variante. Diante disto, veremos os resultados, a seguir, na tabela 4, relacionados aos fatores de natureza linguística: tempo e modo verbal:

Tabela 4 – Fator tempo/modo verbal (1ª rodada)

Grupo	<i>nós</i>		<i>a gente</i>	
	%	nº de ocorr.	%	nº de ocorr.
a- presente do indicativo	13,5%	31	86,5%	198
b- pretérito imperfeito do indicativo	10,1%	8	89,9%	71
c- pretérito perfeito do indicativo	5,2%	3	94,8%	55
d- futuro do pretérito do indicativo	20,0%	1	50,0%	1
e- presente do subjuntivo	11,1%	1	88,9%	8
f- futuro do subjuntivo	0,0%	0	100,0%	2

Fonte: Elaborado pelos autores

Na Tabela 4, consideramos para a primeira rodada no GoldVarb-X seis variantes linguísticas, temos o grupo a em relação a *nós* que obteve 31 (13,5%) ocorrências; a forma *a gente* apresentou 198 (86,5%) ocorrências; no grupo b tivemos 8 (10,1%) ocorrências de *nós*; na forma *a gente* obtivemos 71 (89,9%) ocorrências; já no grupo c percebemos 3 (5,2%) ocorrências de *nós*; e 55 (94,8%) ocorrências da forma *a gente*; o grupo d apresentou 1 (20%) ocorrência de *nós*; e também 1 (50%) ocorrência para a forma *a gente*; enquanto o grupo e mostrou 1 (11,1%) ocorrência de *nós*; a forma *a gente* teve 8 ocorrências (88,9%), por fim, o grupo f apresentou 0% de ocorrência para o pronome *nós* e a forma *a gente* obteve 2 (100%) ocorrências. Segue abaixo sentenças em que as variantes de tempo/modo verbal aparecem.

AF1Ca: **a gente vai** se divertir (presente do indicativo)

AF1Cb: **a gente tinha** todas as tardes brincar com a lata de polvilho (pretérito imperfeito do indicativo)

AF1Cc: casamento, não, que **a gente foi** só mesmo como diz, um rolo, né... (pretérito perfeito do indicativo)

AM1Cd: **a gente sairia** bem como professor na sala de aula (futuro do pretérito do indicativo)

AF1Ce: lembro de quando **a gente saia** tudo junto (presente do subjuntivo)

AM1Cf: se **a gente for** na faculdade (futuro do subjuntivo)

NF1Ca: **nós somos** oito comigo, né... (presente do indicativo)

NF1Sb: e **nós brigava** muito (pretérito imperfeito do indicativo)

NF1Cc: **nós tivemos** uma boa educação (pretérito perfeito do indicativo)

NF1Cd: **nós teríamos** essa união eu acho que pra sempre (futuro do pretérito do indicativo)

NM2Ce: **nós formemos** uma equipe jovem (presente do subjuntivo)

Observamos que na Tabela 4 o grupo e tem pouquíssimas ocorrências, assim como também o grupo f. Desta forma, na segunda rodada (Tabela 5), com auxílio do programa estatístico GoldVarb-X, decidimos amalgamar o grupo e ao grupo a e o grupo f ao grupo d, como mostra a Tabela 5:

Tabela 5 - Fator tempo/modos verbal (2ª rodada)

Grupo	<i>nós</i>		<i>a gente</i>	
	%	nº de ocorr.	%	nº de ocorr.
a- presente do indicativo	13,4%	32	86,6%	206
b- pretérito imperfeito do indicativo	10,1%	8	89,9%	71
c- pretérito perfeito do indicativo	5,2%	3	94,8%	55
d- futuro do pretérito do indicativo	25,0%	1	75,0%	3

Fonte: Elaborado pelos autores

Com o grupo *e* e *f* amalgamados, na segunda rodada do programa estatístico GoldVarb-X, tivemos os seguintes resultados: no grupo *a* obtivemos 206 (86,6%) ocorrências da forma *a gente*; enquanto o pronome *nós* apareceu com 32 (13,4%) ocorrências; já o grupo *b* apresentou 71 (89,9%) ocorrências de *a gente*; e a variante *nós* com 8 (10,1%) ocorrências. O grupo *c* mostrou 55 (94,8%) ocorrências de *a gente*; e 3 (5,2%) ocorrências de *nós* e, por último, o grupo *d* que obteve 3 (75%) ocorrências da forma *a gente* e 1 (25%) ocorrência do pronome *nós*.

Deste modo, notamos que tanto na primeira como na segunda rodada, os grupos de fatores que se destacaram foram o grupo *a* (presente do indicativo), *b* (pretérito imperfeito do indicativo) e *c* (pretérito perfeito do indicativo). Esses tempos/modos verbais tiveram porcentagens significativas em relação à variante estigmatizada *a gente*, já a forma *nós* teve uma baixa porcentagem em todos os grupos, quando comparados com a forma *a gente*, isto é, a variante inovadora *a gente* transita entre os tempos/modos verbais citados acima, enquanto a forma *nós*, tende a ser pouco usual.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como resultados gerais, obtivemos o total de 379 ocorrências, sendo 44 (11,6%) do pronome *nós* e 335 (88,4%) de *a gente*. Em relação aos fatores externos à língua, a faixa etária se mostrou um condicionador importante na fala dos mais novos que tendem a preferir o uso da variante inovadora *a gente* (92,2%). Constatamos também que em relação aos fatores internos à língua, a partir de verbos no presente do indicativo e pretérito do indicativo, tanto o pronome *a gente* (86,6% e 94,8%), como o pronome *nós* (13,4% e 5,2%) foram condicionados a partir dos referidos verbos.

Assim, concluímos que no português falado na comunidade de Mazagão Velho-AP, os falantes utilizam com maior ênfase, em narrativas espontâneas, o pronome *a gente* em sentenças com concordância verbal na 3PS. E esse uso pode estar condicionado ao fator faixa etária e tempo/modo verbal.

Ressaltamos que nossa pesquisa ainda não acabou, projetamos para novos estudos ampliar a amostra analisada e considerar outros fatores linguísticos e extralinguísticos até então não considerados neste trabalho. Por fim, esperamos que este artigo possa auxiliar na descrição do português brasileiro, sobretudo para a compreensão do perfil sociolinguístico falado no estado do Amapá.

REFERÊNCIAS

BECHARA, E. *Moderna Gramática portuguesa*. 37. ed. 16. Rio de Janeiro: Lucerna,

2009.

CARVALHO, H. M. D.; FREITAS, M. L.; FAVACHO, L. De. LIMA. A Variação dos pronomes sujeitos nós e a gente: a fala culta de Fortaleza em cena. *Revista (con)textos Linguísticos*, Vitória, v. 14, n. 27, p. 30-45, 2020.

COELHO, I. L. *Para conhecer sociolinguística*. São Paulo: Contexto, 2015.

CARVALHO, S. C. de. *O apagamento dos ditongos decrescentes orais em falares do Recife*. 2007. Dissertação (Mestrado). Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco, 2007.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Censo Brasileiro 2021. Mazagão Velho: IBGE, 2021.

LIMA, R. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 49. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2011.

LABOV, W. *Padrões Sociolinguísticos*. Tradução de M. Bagno; M. M. P. Scherre; C. R. Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].

LOPES, Célia Regina dos Santos. Nós e a gente no português falado culto do Brasil. *Revista Delta*, São Paulo v. 14, n. 2, 1998.

MOLLICA, M. C. Fundamentação teórica: conceituação e delimitação. In: BRAGA, M.L. (Org.). *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2012.

NEVES, M. H. de M. *Gramática de usos do português*. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

OMENA, N. P. A referência à primeira pessoa do plural. In: SILVA, G. O.; SCHERRE, M. M. P. (Orgs.). *Padrões sociolinguísticos: análise de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996. p. 183-216.

OLIVEIRA, E. dos S. *Devoção Tambor e Canto: um estudo etnolinguístico da tradição oral de Mazagão Velho*. 2015. Tese (Doutorado em Linguística). Programa de Linguística, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

RUBIO, C. F. Nós versus a gente no português falado no nordeste paulista. *Revista Estudos Linguísticos*, São Paulo, v. 40, n. 2, p. 1029-1044, maio-ago., 2011.

SCHERRE, M. M. P.; YACOVENCO, L. C.; NARO, A. Nós e a gente no português brasileiro: concordâncias e discordâncias. *Estudos de Linguística Galega*, v. especial I, ed. F. Cidrás, F. Dubert and X. L. Regueira, p. 13-27, 2018.

SILVA, J. M. De J.; NAMIUTI, C. 'nós' e 'a gente': diferenças de uso nas variedades de português. *Acta scientiarum.language and culuture*, v. 41, e43588, 2019.

SILVA, M. R Da; CAMACHO, R. G. Os pronomes nós e a gente no português falado em

Rio de Janeiro. *Estudos Linguísticos*, São Paulo, v. 46, n. 1, p. 311-321, 2017.

SANCHES, R. D. Variação linguística no Português falado no Amapá. *Cadernos de Linguística*, v. 2, n. 4, p. 1-19, 2021.

SANKOFF, D.; TAGLIAMONTE, S. A.; SMITH, E. *Goldvarb X: A variable rule application for Macintosh and windows*. Department of Linguistics, University of Toronto, 2005.

VIEIRA, S. R; BRANDRÃO, S. F. *Ensino de gramática: uma descrição e uso*. São Paulo: Editora Contexto, 2009.



The use of the pronouns *nós* and *a gente* in the Portuguese spoken in Mazagão Velho-AP

Nalanda Gomes de Castro¹

Romário Duarte Sanches²

Abstract

This article aims to investigate the use of the personal pronouns *nós* and *a gente* in the Portuguese spoken in the community of Mazagão Velho - AP. The research is anchored in Labovian Sociolinguistics (LABOV, 2008) and in studies on morphosyntactic variation in Brazilian Portuguese (OMENA, 1996; LOPES, 1998; RUBIO, 2011; SILVA; CAMACHO, 2017; SCHERRE; YACOVENCO; NARO, 2018; SILVA; NAMIUTI, 2019; CARVALHO; FREITAS; FAVACHO, 2020). As a methodological procedure, we collected in loco 12 oral narratives of Portuguese spoken in the community of Mazagão Velho - AP. These data were controlled considering extralinguistic (gender and age group) and linguistic (verbal agreement, explicit subject, tense and verbal mode) factors. Thus, we obtained a total of 379 occurrences, 44 (11.6%) of the pronouns *nós* and 335 (88.4%) of the pronouns *a gente*. Regarding factors external to the language, the age group proved to be a conditioner in relation to the speech of younger people who tend to prefer the use of the innovative variant *a gente*. We also found that in relation to language-internal factors, both the pronoun *a gente* and the pronoun *nós* were conditioned from verbs in the present and past tense of the indicative.

Keywords:

Quantitative Sociolinguistics; Morphosyntactic Variation; Mazagão Velho